APÊNDICE I

Artigo do autor, publicado na Revista "Cenáculo", n.º 70 da 2.ª série, Julho – Setembro de 1979, Ano XVIII, páginas 39 a 57: "Lingvo Internacia"

Introdução

Este apêndice pretende informar minimamente o leitor sobre a história já muito longa da procura de soluções para uma comunicação imediata e adequada entre falantes de línguas nativas diferentes. O artigo que publiquei em 1979, na Revista "Cenáculo", sobre o Esperanto, tem a informação fundamental sobre o tema.

Passados 45 anos, parece-me que a ideia de LM evoluiu pouco, mas surgiram bastantes projetos novos[1]. Saliento apenas os mais interessantes e com conteúdos na Internet.

A verdade é que, para escrever este livro, não tinha estudado nenhum destes novos projetos. Foi depois do livro pronto que, ao pensar numa breve introdução para este apêndice, achei que devia investigar o assunto para poder fornecer aos leitores alguma informação sobre os projetos posteriores à publicação do meu artigo em 1979.

Achei algumas propostas interessantes, mas nenhuma me pareceu mais adequada para LM do que a do Fasile nem do que o método de chegar a uma LM apresentado neste Estudo. Concluo que nada teria escrito diferente neste livro se tivesse investigado essas propostas antes de o escrever.

Apresento a seguir, muito sucintamente, de entre os projetos de LM mais recentes, aqueles que me parecem os mais interessantes, para servirem de comparação com o que proponho neste Estudo.

1. Kotava: língua artificial "a priori", isto é, totalmente inventada, não baseada em línguas já existentes, criada pela canadiana Staren Fetcey. Foi divulgada em 1978, mas a última grande revisão foi em 1993. Tem 17 mil raízes básicas[2], o que significa que é muito mais difícil e complicada do que o Fasile, atualmente com apenas 1335 raízes básicas e podendo-se prever que não precisaria de ultrapassar as 2500, nestas incluídas as das áreas científicas, para funcionar bem como LM. O facto de ser uma língua "a priori" também a torna muito mais difícil de aprender do que o Fasile e inadequada para LM.
2. Dousha: língua construída, baseada sobretudo no Japonês e nas línguas ocidentais. É um projeto de LM que está a ser desenvolvido a partir de meados de 2002 pelo brasileiro Almir U. Junior. Pretende ser mais natural do que o Esperanto, mas parece-me um projeto muito mais difícil do que o Fasile[3].
3. Ygyde: Língua "a priori", portanto não baseada nas línguas naturais, criada em 2007 por Andrew Nowicki e Patrick Hassel-Zein. É uma língua oligossintética, isto é, tem poucas palavras e junta-as em palavras muito longas para poder exprimir todas as ideias. Não existem línguas naturais humanas oligossintéticas, só polissintéticas[4]. É, sem dúvida, muito mais artificial e mais complexa do que o Fasile[5]. Parece-me totalmente inadequada para LM.

---

[1] *cf. https://conlang.fandom.com/pt/wiki/Lista_de_conlangs, acedido em 12/12/2022. A mesma data para as restantes notas.*

[2] *cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Kotava+*

[3] *cf. https://conlang.fandom.com/pt/wiki/Dousha*

[4] *cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Língua_oligossintética*

[5] *cf. https://conlang.fandom.com/pt/wiki/Ygyde e https://pt.frwiki.wiki/wiki/Ygyde*

4. Globasa: língua construída, criada em 2019, por Hector Ortega. Parece-me demasiado artificial, não no vocabulário básico, mas na sua estrutura (substantivos usados como verbos, não distinção entre adjetivos e advérbios, possibilidade de usar adjetivos como verbos) e com composição de palavras mais complexa do que o Fasile[6]. Contudo, os numerais são formados de forma semelhante ao Fasile, podendo constituir, nas opções das raízes escolhidas para o efeito, uma ajuda na criação da LM que proponho neste Estudo[7].

Interessante é que surgiram também projetos de línguas construídas para a comunicação só entre pessoas de determinadas regiões ou pertencentes a determinado grupo linguístico. São as chamadas "línguas artificiais zonais"[8]. Para satisfazer a curiosidade dos leitores, apresento a seguir algumas:

1. Uropi: língua criada em 1986, por Joël Landais, destinada a ser usada em toda a Europa. A verdade é que o Fasile foi muito mais longe na simplificação de composição de palavras[9].
2. Europanto: língua criada em 1996, por Diego Marani, destinada também a toda a Europa, mas entendida como uma brincadeira pelo próprio autor. Não tendo regras fixas e utilizando o vocabulário mais comum nos países da União Europeia, a intenção foi provar que é possível entenderem-se pessoas de toda a Europa que tenham algum domínio do Inglês e saibam usar as muitas palavras comuns entre as línguas nacionais da União Europeia[10].
3. Intereslavo: língua criada em 2011, destinada a todos os falantes de línguas eslavas. Resulta da colaboração de três projetos linguísticos, nomeadamente: o Slovianski, criado pelo linguista holandês Jan van Steenbergen em 2006, o Slovioski, uma versão melhorada do Slovio criada por Steeven Radzikowski em 2009; e o Novoslověnsky, uma modernização do antigo Eslavónico Eclesiástico, desenhada por Vojtěch Merunka em 2009. Em março de 2022, a comunidade do idioma no Facebook tinha mais de 16,2 mil membros[11].

---

[6] *cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Globasa*
[7] *cf. https://www.languagesandnumbers.com/como-contar-em-globasa/pt/globasa/*
[8] *cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Língua_artificial_zonal*
[9] *cf. https://pt.frwiki.wiki/wiki/Uropi*
[10] *cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Europanto*
[11] *cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Língua_intereslava*

LINGVO INTERNACIA

M. J. Torres Lima

O objectivo deste artigo é chamar a atenção para um problema cruciante no mundo hodierno: a grande diversidade de línguas entre os povos e as consequentes dificuldades de comunicação entre eles. Para o homem actual, a par do rápido progresso civilizacional que hoje se verifica, exige-se uma língua comum entre todos os povos do mundo para facilitar as relações internacionais. Este modesto trabalho, necessariamente incompleto devido à sua exiguidade, pretende, pois, mostrar a necessidade de uma Língua Internacional (L.I.) e apresentar vários projectos, já aventados, defendendo, como mais viável, o projecto que actualmente está deixando de o ser para se tornar realidade – o Esperanto.

Sua necessidade

1. Aspiração milenar

«Em toda a terra havia somente uma língua, e empregavam-se as mesmas palavras (...) E o Senhor disse: «Eles constituem apenas um povo e falam uma única língua. Se principiaram desta maneira, coisa nenhuma os impedirá, de futuro, de realizarem todos os seus projectos. Vamos, pois, descer e confundir de tal modo a linguagem deles que se não compreendam uns aos outros. E o Senhor dispersou-os dali para toda a face da terra» (Gén. 11, 1.6-8). Esta narração bíblica tenta dar uma explicação da origem da diversidade das línguas: o hagiógrafo vê esta diversidade como um mal, colocando-lhe na base um pecado de orgulho dos homens. Pondo de parte qualquer interpretação teológica por não estar no âmbito deste artigo, este texto leva-nos à conclusão de que já no tempo em que ele foi escrito, os homens aspiravam a uma língua universal única e consideravam a sua não existência como um mal.

2. A exigência do mundo moderno

Actualmente, a necessidade de uma L.I. é muito mais sentida devido à maior facilidade de transportes e de contactos internacionais para todos os fins: políticos, sociais, religiosos, científicos, comerciais, etc.

Na verdade, quem não pensou ainda em tantas organizações internacionais onde se falam várias línguas e se gastam em traduções e intérpretes abundantes somas de dinheiro? Quem ainda se não deu conta das horas semanais que se gastam nos nossos liceus a aprender francês, inglês ou alemão para no fim desse estudo a maior parte dos alunos apenas saberem traduzir e às vezes bastante mal? Quem ainda não verificou pela rádio ou televisão ou «in loco» o que acontece nas grandes manifestações religiosas como em Fátima ou Lourdes em que se repetem as orações em várias línguas tornando as cerimónias mais prolongadas e menos vividas? Quem não reflectiu ainda nos Jamboris de escuteiros ou nos «Gen» onde as línguas nacionais dificultam o convívio amigável e tornam os encontros mais frios e impessoais? Quem ainda não encontrou turistas pedindo informações e ficou de boca-aberta sem perceber sequer o que eles perguntavam? Isto são apenas algumas interrogações. Mas, para fazermos uma ideia mais exacta deste problema, vejamos até onde chega o problema linguístico existente nas organizações internacionais[1]:

[1] As informações aqui dadas são extraídas duma palestra proferida em 20-4-78, na Casa da Beira Alta, Porto, pelo Eng.° Emídio H. M. Gardé, subordinada ao tema «Necessidade de uma língua neutra para as relações internacionais - ONU, a nova Babel» e editada em opúsculo pela Associação Portuguesa de Esperanto (P. E. A.)

– Na O.N.U., a Babel da segunda metade do século XX, são 5 as línguas oficiais e de trabalho: o inglês, o francês, o espanhol, o russo e o chinês. Todavia, nos departamentos especializados da O.N.U., como a U.N.E.S.C.O., são usadas oito línguas enquanto que o órgão informativo «Correio da U.N.E.S.C.O.» é editado em 15 idiomas entre os quais o português.

– No Mercado Comum existem seis línguas oficiais: o francês, o inglês, o alemão, o dinamarquês, o italiano e o holandês. Com a próxima entrada de Portugal, Espanha e Grécia, o número de línguas oficiais será ainda aumentado. Presentemente, com seis línguas oficiais, 38% dos funcionários da C.E.E. ocupam-se das traduções.

Entretanto, uma estatística publicada na revista «Associations Internationales» de Dezembro de 1960 mostra que, das 1 206 organizações internacionais, apenas 381 têm uma só língua oficial, 346 têm duas, 248 usam três, 147 têm quatro, 58 utilizam cinco, 15 têm seis línguas oficiais, enquanto 11 outras têm sete ou mais línguas. No meio de tudo isto, apenas 28 destas organizações utilizam o Esperanto como língua oficial única.

Para fazermos uma vaga ideia do preço por que fica a diversidade de línguas nas organizações internacionais basta mencionar que em 1968 as despesas da O.N.U. com os intérpretes e outro pessoal ligado às traduções ascenderam a 9 milhões e 700 mil dólares. Além disso, em 1970 a O.N.U. fez um exame às suas finanças e concluiu que foram gastos cerca de 30 milhões de dólares (mais de um milhão de contos) na publicação de 867 000 documentos em 4 línguas. Por fim, convém também referir que na Conferência sobre Segurança e Colaboração na Europa, que se realizou em Belgrado em 1977 durante seis meses, estiveram presentes 37 intérpretes com os quais se gastou diariamente em salários 12 500 escudos, isto é, 1625 contos no total, valor este estimado em 2⁄5 do preço da conferência.

Enfim, todos estes números nos mostram com evidência a necessidade de uma L.I. no mundo de hoje. Mas vejamos, muito resumidamente, quais as principais vantagens que adviriam para os homens se em todo o mundo se adoptasse uma L.I.:

nas escolas deixariam de ser ensinadas línguas estrangeiras, evitando-se assim uma perda de tempo, dinheiro e paciência, e podendo os alunos dedicarem-se melhor a outras matérias. Assim, os alunos aprenderiam apenas a língua materna e uma L.I., ficando as outras línguas vivas como matéria para cursos superiores e de especialização. Por outro lado, poder-se-iam estudar melhor as línguas clássicas: o latim e o grego. Em todos os congressos ou encontros internacionais se falaria exclusivamente uma L.I. que todos compreendessem sem esforço, evitando perda de tempo e dinheiro. O cinema deixaria de ter legendas. A rádio e a televisão transmitiriam programas a nível internacional ou mesmo mundial, perfeitamente compreendidos em qualquer parte do mundo. Além disso, evitar-se-iam também a deslocação de repórteres para a cobertura de acontecimentos internacionais de qualquer tipo: políticos, desportivos, etc. Os livros de interesse internacional seriam escritos originalmente nessa L.I., evitando desse modo o célebre «traduttore traditore» e poderiam ter tiragens mundiais a preços reduzidos. Seriam largamente favorecidas as associações internacionais de beneficência, a Cruz Vermelha, os Escuteiros, as associações desportivas e até a própria Igreja.

Vimos até aqui como uma L.I. é, não só uma necessidade mas também uma exigência da civilização actual em que as relações entre os homens se modificaram substancialmente. Vejamos agora quais são os projectos até agora propostos para essa L.I.

Projectos avançados

Os sistemas linguísticos propostos até agora para L.I. são muitos, embora pouco conhecidos do público. Podemos classificá-los tendo em vista as suas características ou a data em que surgiram.

Pelas suas características, os sistemas propostos podem ser:

a) Filosóficos ou empíricos: filosóficos, aqueles em que as palavras estão subordinadas a uma certa classificação lógica; empíricos, quando as palavras não têm qualquer classificação lógica;

b) Pasigráficos ou pasilálicos: pasigráficos, os que exprimem e transmitem o pensamento por meio de sinais escritos; pasilálicos, os que têm condições para ser falados;

c) Ideográficos ou literais: ideográficos, os que usam sinais para exprimir as ideias, por exemplo, as ideografias orientais; literais, os que usam letras para exprimir sons, por exemplo, os sistemas linguísticos ocidentais;

d) Sistema «a priori» ou «a posteriori»: «a priori», os que não têm relação alguma com as línguas naturais, isto é, aqueles em que os vocábulos são inventados; «a posteriori», os que dependem das línguas naturais, embora possam ter uma estrutura própria.

Tomando como critério a data em que apareceram, é costume agrupar os sistemas em dois períodos: o primeiro vai até 1887, ano do aparecimento do Esperanto e o segundo vem de 1887 até aos nossos dias.

1.º período

No primeiro período são os filósofos, os cientistas e o alto clero que, prevendo o desenvolvimento geral da civilização e a consequente necessidade da existência de uma L.I., propõem sistemas filosóficos, pasigráficos e ideográficos (inspirados nas ideografias orientais). Devido à sua dificuldade, estes sistemas não despertaram o interesse do povo, sendo conhecidos apenas por mentes privilegiadas. Aparecem também, neste período, alguns projectos baseados no latim ou em línguas nacionais e outros originais. Assim, surgem 24 sistemas filosóficos, 27 pasigráficos, 5 baseados em línguas nacionais e no latim e mais 12 sistemas diversos[2]. Dentre estes projectos deter-nos-emos apenas nos mais importantes.

O primeiro projecto conhecido data de 1178 e pertence à abadessa do mosteiro de Rupertberg, Bingen, na Alemanha, mais tarde canonizada como santa Hildegarda. É um sistema de língua universal falada e escrita com o nome de «Ignota Lingo». Tem um alfabeto de 32 letras e um vocabulário com 900 palavras apenas. Surpreendentemente, assemelha-se, na sua estrutura, aos projectos que haviam de aparecer no século XIX. Francis Bacon, Verulm, Descartes, Comenius e Delgarno apresentam também os seus esquemas.

Em 1661 nasce um interessante projecto de Johann Joachin Becker. Era um sistema matemático em que a cada ideia correspondia um número. Assim, em cada nação formar-se-ia um catálogo em que a cada palavra era atribuído um número, igual ao número da palavra que nas outras línguas exprimia a mesma ideia. Assim, por exemplo, o número 1 poderia ter a ideia de Deus e desse modo enquanto um português leria Deus, os estrangeiros leriam Dios, Dieu, God, etc. Era, portanto, um sistema só com escrita.

Ainda em 1661 o grande filósofo e matemático Leibniz escreveu um ensaio de língua mundial com o título de «Dissertação de arte combinatória». Esta obra fez com que fosse cognominado «pai» da ideia de L.I. O seu sistema é uma pasigrafia, feita com sinais ideográficos, e foi ensaiado na Alemanha, França, Inglaterra, Espanha, Rússia, Hungria e Dinamarca.

Em 1681 temos o primeiro projecto de L.I. baseado numa língua nacional. O seu autor é Andreas Müller e o projecto baseia-se no chinês. Entretanto, surgem outras pasigrafias com sinais ideográficos. Newton, o «pai» da Mecânica Física clássica, Voltaire e André Maria Ampère como o franciscano P. Matraya (este no seu livro «Genigrafia») elaboram teorias sobre

[2] Cf. Artigo «Língua» in Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (G. E. P. B.), vol. XV, págs. 147-148

uma L.I. Um sacerdote espanhol, chamado Sotos Ochando, fez um projecto de L.I. que teve alguns discípulos, mesmo doutores[3].

No final do século XIX surge uma proposta curiosa - e sonora - da autoria do francês Sudre: o «Solresol», língua onde cada sílaba é uma nota musical. Assim, «doremi» significa dia e «dorela», ano.

Mas a primeira grande L.I. surge em 1879 e chama-se Volapuk. O seu autor é o abade austríaco Johann Martin Schleyer. O projecto baseia-se no sistema literal dos idiomas ocidentais. Chegou a ter cerca de um milhão de adeptos e organizou três congressos com sucesso, mas atualmente está totalmente posto de parte e esquecido.

Em 1887 aparece a L.I. que até agora mais adeptos alcançou -o Esperanto- e da qual falaremos desenvolvidamente no terceiro capítulo.

2.º período

Com o aparecimento do Esperanto, o Volapuk foi perdendo a pouco e pouco os seus adeptos em favor daquele. Entretanto, começaram a surgir principalmente sistemas derivados do Esperanto e outros baseados em línguas nacionais e no latim. Assim, surgem neste período 4 sistemas filosóficos, 2 pasigráficos, 26 baseados em línguas nacionais e no latim, 42 baseados no Esperanto e 22 sistemas diversos.[4] Mas, além destes, surgiram muitos outros projectos que são pouco conhecidos porque nunca chegaram a ser publicados. Calcula-se que sejam cerca de 500 os projectos de L.I. aparecidos neste 2.° período.

Dentre os mais importantes são dignos de menção: o «Cosmos», baseado no latim, da autoria do alemão Landa e surgido em 1899; o Latino sine flexione» de Giovanni Peano que data de 1903 e é o latim clássico mas sem declinações; o «Ido» que aparece em 1907, da autoria de Louis de Beaufront e Louis Conturat, e o «Esperantida» aparecido em 1919, da autoria de René de Saussure, ambos derivados do Esperanto; a «Interlíngua», que surge em 1911 e é da autoria de G. P. Pinth e a «interlíngua-base» que aparece em 1950.

Mais adiante veremos as principais características destes projectos e as razões por que não são os mais convenientes para uma L.I.

Esperanto — uma realidade

Como solução para a necessidade de uma L.I. o projecto mais viável parece ser, sem dúvida alguma, a língua criada por Zamenhof, o Esperanto. Esta é a conclusão que tiraremos inevitavelmente neste capítulo no qual faremos uma breve análise do fenómeno Esperanto e veremos as razões por que ele é o melhor de todos os projectos propostos até agora e perfeitamente viável.

1. Autor

O autor do Esperanto é o Dr. Lázaro Luís Zamenhof, nascido em 15 de Dezembro de 1859 em Bialistock, Polónia.

De ascendência hebraica, foi filólogo, professor e médico oftalmologista. Conhecia o sânscrito, o latim, o grego e muitas línguas vivas. Usava como pseudónimo «Dr. Esperanto» e daí o nome da língua por ele criada. «Esperanto» na sua L.I. significa «o que espera», «o que tem esperança»; esperança de que os homens compreendam a utilidade e a necessidade da L.I. e a utilizem nas relações internacionais.

---

[3] Cf. Artigo «Lengua» in Enciclopédia Universal Ilustrada, vol. 29, pág. 1584

[4] Cf. Artigo «Língua» in G. E. P. B,. vol. XV, págs. 148-150

Faleceu a 14 de Abril de 1917.[5]

2. Bases

Zamenhof, antes de compor o Esperanto, estudou os projectos anteriores, principalmente as obras teóricas sobre a estruturação do pensamento e a possibilidade da construção de uma L.I., seguindo vários critérios.

Os critérios escolhidos por Zamenhof foram: aproveitar a gramática base, pertença de todas as línguas; escolher para o dicionário radicais segundo o seu máximo de internacionalidade; na formação das palavras, usar radicais e afixos invariáveis duma maneira lógica, de modo a tornar a língua acessível a todos; pôr de parte expressões idiomáticas isto é, locuções ou modos de dizer privativos de uma língua e geralmente de carácter familiar; excluir toda e qualquer excepção.

As finalidades que Zamenhof atribuiu ao Esperanto podem resumir-se nestas palavras: acabar com as barreiras linguísticas que separam os povos e desta maneira contribuir para a paz universal. Vejamos alguns dos seus «Pensamentos»: «Repetimos constantemente que não desejamos, de forma alguma, imiscuir-nos na vida interna dos povos: apenas pretendemos criar uma ponte de ligação entre eles. Desejamos construir uma base neutra sobre a qual as diversas raças humanas possam, pacífica e fraternalmente, entender-se sem impor umas às outras os seus costumes particulares»[6].

3. Características

O Esperanto tem um alfabeto com 28 letras, que correspondem cada uma delas a um som fixo, sempre o mesmo. Um dos postulados básicos do Esperanto é, pois, «a cada letra corresponde um som, e a cada som uma letra». O dicionário é composto por um conjunto de radicais aos quais se juntam afixos e desinências gramaticais para formar as palavras. Na sua formação, são lei o mínimo esforço e a máxima internacionalidade. Os radicais são tirados do latim e das línguas nacionais europeias, segundo a sua maior internacionalidade. No que diz respeito à pronúncia, é bastante semelhante ao italiano.

Tentando classificá-lo, podemos dizer que é um sistema «a posteriori» — parte da experiência; pasigráfico — a cada ideia corresponde uma letra ou um grupo de letras; pasilálico — a cada letra corresponde um som; filosófico — os seus elementos classificam-se e exprimem-se segundo uma lógica determinada e integralmente observada. Além disso, é uma língua aglutinante, porque nela se ligam duas ou mais palavras ficando todas subordinadas a uma só sílaba predominante. Pelo menos teoricamente, é a língua artificial onde, mais do que em qualquer outra, há univocidade e reciprocidade entre as ideias e as respectivas palavras. A gramática do Esperanto resume-se em 16 regras fundamentais, sem excepções. Eis algumas delas para mostrar a facilidade da língua:

todas as palavras são graves e portanto a sílaba tónica é sempre a penúltima. Os substantivos terminam em «o» ; os adjectivos, em «a»; e os advérbios derivados em «e». Assim, por exemplo, «patro», pai; «patra», paternal; «patre», paternalmente.

O plural forma-se juntando aos adjetivos e substantivos um «j» («i» breve; leia-se sempre «i»). Assim, por exemplo, «patroj», pais (leia-se «pátrroi»); «libro», «libroj», livro, livros. O feminino forma-se juntando ao radical o sufixo «in». Assim, «patr» (radical) + «in» (sufixo que indica feminino) + «o» (terminação do substantivo) = «patrino», mãe.

---

[5] Sobre a vida de Zamenhof, cf. «Luís Zamenhof, criador do Esperanto», palestra proferida em 15-4-78 na Casa da Beira Alta, Porto, pela Dr.ª Maria do Carmo Mesquita e editada em opúsculo pela "P.E.A."

[6] Revista Portuguesa de Esperanto (R.P. E.), ano VI, n.° 26, Agosto 1978, pág. 96

Os verbos têm, na voz activa, apenas 6 formas: o modo indicativo tem 3 formas: presente, passado e futuro; e os modos condicional, imperativo-subjuntivo e infinitivo têm cada um uma única forma. Para o presente usa-se a terminação «as», para o passado, a terminação «is» e para o futuro, a terminação «os». Assim, tomando o radical «am» temos «amas», amo, amas, ama, etc.; «amis», amei, amaste, etc.; «amos», amarei, amarás, etc.

Para o condicional usa-se a terminação «us», para o imperativo-subjuntivo «u» e para o infinitivo «i». Assim, «amus», amaria, amarias, etc.; «amu», ama, amai, que ame, que ames, etc.; «ami», amar. Para distinguir as diversas pessoas é necessário usar os pronomes pessoais sempre que não haja um substantivo a servir de sujeito. Os tempos compostos e a voz passiva têm apenas um verbo auxiliar: «esti», ser ou estar.

Vejamos agora uma frase completa como exemplo: «Esperanto estas lingvo facila, regula kai tute fleksebla»: O Esperanto é uma língua fácil, regular e totalmente flexível.

Em resumo, toda a estrutura do Esperanto segue a lei do menor esforço que, como sabemos, é geralmente a que vence em todos os campos da actividade humana.

4. História

Vejamos agora, muito resumidamente, as etapas por que já passou o Esperanto desde a sua criação por Zamenhof até aos nossos dias.

O nascimento da língua pode datar-se de 1887, ano em que aparece o primeiro livro sobre a língua auxiliar Esperanto, respectivamente nas edições russa, polaca, francesa e alemã; o livro tinha o título de «D.-ro Esperanto - Lingvo Internacia. Antaŭparolo Kaj Plena Lernolibro». Ainda no mesmo ano surgiu o segundo livro com o título «Dua libro de l'Lingvo Internacia de D.-ro Esperanto».

A. Congressos

A primeira reunião internacional teve lugar em Calais-Dover, em 1904. Estiveram presentes 180 esperantistas de 6 países. Resolveu-se realizar um congresso universal de Esperanto em cada ano e que o primeiro fosse em Boulogne-sur-Mer (França). Este programa só foi interrompido durante as duas guerras mundiais[7].

No 35.° Congresso, realizado em 1950, o representante da U.N.E.S.C.O, prof. Jean Thomas, disse: «Há muitos pontos de contacto entre as finalidades da U.N.E.S.C.O. e do Esperanto. É incontestável que o autor do Esperanto não quis fazer somente um trabalho linguístico, mas criar uma língua para a aproximação dos homens de todos os países. E o Esperanto está cumprindo bem nesse sentido. Já possibilitou a tradução de obras-primas da literatura universal e o desenvolvimento do ideal humanitário. As forças morais para a paz e intercompreensão não são tantas que as possamos ignorar. E assim a U.N.E.S.C.O. exprime a sua admiração pela vossa ideia e pelo vosso ideal de paz»[8].

B. Movimento em Portugal

Em Portugal, o movimento esperantista já esteve bastante desenvolvido: desde 1894 a 1914 apareceram e voltaram a desaparecer pelo menos vinte organizações esperantistas[9]. Ministraram-se muitos cursos de Esperanto nas referidas organizações, em escolas, em emissoras de rádio, etc. Surgiram artigos nos jornais e conferências.

---

[7] Cf. Artigo «Esperanto», in G.E.P.B., vol. X, pág. 242

[8] Artigo «Esperanto», in G.E.P.B., vol. XXXIX (apêndice), págs. 536-537

[9] Artigo «Esperanto», in G.E.P.B., vol. X, pág. 243

Em 1916, o Esperanto foi aceite oficialmente pelo governo. Mas em 11-8-18, o Ministro do Interior determinou não serem autorizadas no país quaisquer actividades e publicações esperantistas e em 21-10 do mesmo ano foi proibido o ensino do Esperanto em Portugal. Devido à pressão exercida pelos esperantistas tanto portugueses como estrangeiros sobre o governo, a decisão do Ministro do Interior foi revogada em 12-4-51 equiparando o Esperanto às demais línguas estrangeiras. Mas o Ministro da Educação Nacional não aprovou os estatutos da Associação Portuguesa de Esperanto, o que impediu que Portugal entrasse no movimento mundial do Esperanto até há bem pouco tempo. Na verdade, só em 15-3-72 foram aprovados os estatutos da «Associação Portuguesa de Esperanto[10].

5. Expansão actual

A. Associações internacionais

Actualmente, o centro mundial do Esperanto é a «Associação Universal de Esperanto» (U.E.A. = «Universala Esperanto-Asocio») com sede em Roterdão, Holanda. Tem cerca de 4.000 delegados espalhados pelo mundo. Integrada nela, existe a «Akademio de Esperanto», que é composta pelos esperantistas mais competentes do mundo e tem por fim vigiar e guiar a evolução da língua, de modo que se mantenha fiel aos princípios ditados por Zamenhof. Além disso, cada nação tem uma associação nacional própria. Em Portugal é a «Associação Portuguesa de Esperanto» (P.E.A. = «Portugala EsperantoAsocio») com sede em Lisboa e conta actualmente com cerca de 260 sócios. Em ligação com a U.E.A. há também uma associação mundial de esperantistas trabalhadores e uma organização mundial de jovens esperantistas com 5.000 membros.

Quanto a organizações de especialidade, existem, a nível internacional, associações imensas: cientistas, médicos, jornalistas, músicos, empregados de correios e telecomunicações, filólogos, cristãos separados, católicos. Além disso, há ainda associação de professores, de rádio-amadores, de escuteiros, de jogadores de xadrez e ainda de ornitólogos[11]. Há também uma organização mundial de automobilistas esperantistas que em 1977 contava 1.088 membros[12].

B. Esperanto e O.N.U.

A U.N.E.S.C.O., departamento da O.N.U. para assuntos culturais, apoia actualmente a introdução do Esperanto nas escolas e estabelecimentos de ensino dos estados membros da O.N.U.. Desde 1954 a U.E.A. tem relações consultivas com a U.N.E.S.C.O.

Durante o 62.º Congresso Universal de Esperanto, realizado em 1977 em Reikjavic (Islândia) esteve presente o director-geral da U.N.E.S.C.O.. No ano passado, durante o 63.º Congresso em Varna (Bulgária) ele enviou um seu representante ao Congresso e uma mensagem da qual destacamos: «Vós preparais-vos para aplicar no campo da educação esta língua comum — nos sentidos próprio e figurado — que é a razão da própria existência da U.E.A. Com a mais louvável persistência, vós fizestes-vos pioneiros da colaboração internacional, que abre novos caminhos ao diálogo entre os povos e entre as culturas.

Os meus mais ardentes e cordiais encorajamentos acompanham-vos nesse nobre trabalho e formulo o desejo de que a vossa actividade seja coroada com pleno êxito, como merece»[13].

Neste 63.º Congresso Universal de Esperanto estiveram presentes 4.413 esperantistas de 51 países. Os países com maior número de participantes foram: a Polónia, com 500, a Rússia

---

[10] Cf. R.P. E., ano VI, n.° 26, Agosto 1978, pág. 83

[11] Estes dados foram fornecidos pela P. E. A. através de carta datada de 15-3-79

[12] Cf. R. P. E., ano VI, n.º 27, Outubro 1978, pág. 120

[13] R. P. E., ano VII, n.º 28, Março 1979, pág. 18

com 130, a Finlândia com 100 e o Japão com 70. Tinha representantes de todos os continentes pelo que foi o mais universal de todos os Congressos Universais de Esperanto[14].

A O.N.U. já publicou muitos dos seus documentos em Esperanto entre os quais a «Declaração Universal dos Direitos do Homem», a «Declaração dos Direitos da Criança» a «Carta das Nações Unidas» e «Estatutos do Tribunal Internacional» e a «Declaração da atribuição de independência aos territórios e povos coloniais».

C. Livros

Calcula-se que já tenham sido publicados em Esperanto mais de 30.000 volumes. A maior parte deles são traduções, embora já haja muitas obras originais. Dentre as traduções podemos referir a Bíblia, traduzida dos textos originais por Zamenhof, «A Divina Comédia» de Dante, «A Náusea» de Sartre, etc. «Os Lusíadas» também já foram traduzidos mas ainda não estão publicados.

Há inúmeros periódicos em Esperanto em todo o mundo. Em Portugal a «Revista Portuguesa de Esperanto», órgão oficial da P.E.A., começou a sua publicação em Julho de 1973.

D. Comércio e Turismo

O Esperanto já é usado pela Phillips, Fiat, Caminhos de Ferro Alemães e Jugoslavos, Banco Geral da Holanda, etc. Recentemente, a Companhia Aérea da Polónia baptizou o seu maior e mais moderno avião de «Esperanto», no qual toda a tripulação falará o Esperanto. Quanto ao turismo, editam-se em muitos países prospectos turísticos em Esperanto. Finalmente, o engenho espacial americano «Pioner 10» levou uma mensagem em Esperanto para possíveis extra-terrestres.

E. Rádio

Espalhadas pelo mundo, 15 estações de rádio emitem programas em Esperanto entre as quais a Rádio Difusão Portuguesa e a Rádio Vaticano.

6. Esperanto, a melhor solução

Apresentaremos agora as razões que nos levam a pensar que o Esperanto é actualmente a melhor solução para resolver o problema da necessidade de uma L.I.

Para a escolha de uma L.I. há três hipóteses a considerar: escolha de uma das línguas nacionais, de uma língua morta ou de uma língua artificial:

Na primeira hipótese, não podemos deixar de salientar que através da história a internacionalização das línguas tem sido feita geralmente pela força. Por outro lado, mesmo que fosse aceite por todos pacificamente uma determinada língua nacional, a nação onde ela é falada ficaria privilegiada em relação às restantes e através da língua poderia dominá-las culturalmente.

Na segunda hipótese, devemos notar que uma língua morta estagnou no tempo e portanto não pode descrever o que de novo surge diariamente. Para a ressuscitar seria necessário modificá-la de tal maneira que perderia a sua identidade. Na verdade, seria preciso juntar-lhe muitas palavras novas e modificar muito a sua estrutura para a tornar acessível aos homens de hoje, não só aos grandes intelectuais mas também ao povo simples. Mesmo assim, seria muito difícil para os povos dos grupos linguísticos que não derivassem da dita língua.

---

[14] Cf. idem, pág. 19

Resta, por isso, a terceira hipótese, isto é, a de uma língua artificial neutra. Mas dentre tantas que já enumeramos, qual delas é a mais conveniente para L.I.?

A. Critério de escolha

Têm sido propostos vários critérios para a escolha de uma L.I. Assim, em 1887, «The American Philosophical Society» nomeou uma comissão de linguistas, a qual, depois de rejeitar o Volapuk, estabeleceu 6 normas para a construção de uma L.I.:

1) Uma L.I. deve assentar sobre elementos de línguas arianas (inglês, francês, alemão, espanhol, italiano e russo);
2) A ortografia deve ser fonética, isto é, a cada letra deve corresponder um som e a cada som uma letra, a mesma, e de fácil pronúncia para todos os povos;
3) O número de vogais limitar-se-á a cinco: a, e, i, o, u;
4) As letras da L.I. serão escolhidas entre as do alfabeto latino;
5) Para base do dicionário devem entrar, pelo menos, 1.000 radicais comuns às seis supracitadas línguas; esta provisão inicial será completada por vocábulos técnicos, científicos e comerciais; a evolução da língua deverá ser sempre subordinada a estes princípios e guiada por comissões internacionais competentes que agirão, na qualidade de academias, para a perfeição da língua;
6) A gramática deverá ser simples e semelhante à mais simples gramática natural e de acordo com os tipos de gramática das línguas naturais arianas»[15].

Concluindo: uma L.I. será tanto melhor quanto mais internacional for, isto é: tenha uma grafia e prosódia acessível a todos os homens; seja dotada de uma estrutura não muito diferente das línguas vivas mais faladas; contenha as raízes vocabulares das línguas vivas, quando estas raízes existem num grande número de idiomas; seja fonética para se evitarem erros ortográficos; gramaticalmente, possua regras simples que se aprendam sem esforço; possa servir para todos os usos, como as línguas vivas naturais.

B. Análise dos principais projectos

Cabia aqui uma análise aprofundada dos projectos principais de L.I. enumerados no segundo capítulo deste artigo, para vermos as razões, por que eles não servem para L.I. Mas, devido ao âmbito deste trabalho, temos de pôr de parte todos os projectos que são rejeitados unanimemente pelos que se interessam pelo problema linguístico mundial excepto Volapuk que, como vimos, teve algum relevo. Na verdade, foi o aparecimento do Esperanto, muito mais fácil, que fez com que ele fosse posto de parte.

Para fazermos uma ideia da dificuldade do Volapuk basta referir que os seus radicais são, na sua maior parte, monossilábicos e pouco semelhantes, embora tirados deles, aos das línguas europeias. Por outro lado, tem 4 casos: nominativo, genitivo, dativo e acusativo; além disso, os verbos têm uma infinidade de formas, difíceis de decorar[16].

Passamos a analisar agora os sistemas linguísticos do 2.º período, isto é, aqueles que apareceram depois do Esperanto:

O «Cosmos» e o «Latino sine flexione» tiveram pouco êxito, pois o facto de se basearem demasiado no latim fez com que não tivessem internacionalidade suficiente para se imporem.

O «Ido» e o «Esperantida» tiveram bastante êxito, mas «foi sol de pouca dura». O Ido não conseguiu impor-se porque é mais difícil que o Esperanto. Na verdade: a sua gramática tem

[15] Artigo «Língua», in G. E. P. B., vol. XV, pág. 146
[16] Cf. Artigo «Volapuk», in G.E.P.B., vol. XXXVI, pág. 602

excepções; são admitidas as combinações «ch» e «sh», o que vai contra o grande princípio do Esperanto, essencial para uma L.I.: «a cada letra corresponde um som, a cada som uma letra»; é aumentado o número de afixos e perde-se a função aglutinante; enfim, comparando-o com o Esperanto verifica-se que tem quase o dobro das palavras a estudar de cor.[17] O «Esperantida» é muito semelhante ao Esperanto, pois apenas tem algumas terminações gramaticais diferentes e na ortografia são mudadas algumas letras.

O seu autor chegou a fundar três organizações esperantidistas, mas em 1925, perante o fracasso do seu intento voltou a usar o Esperanto - só com a ortografia reformada. Chamou a este novo sistema «Nov-Esperanto»[18].

A «lnterlíngua» baseia-se no latim, inglês, alemão, francês, espanhol, português e russo. Contudo, as palavras internacionais que existam no latim conservam o radical latino[19]. A razão principal por que não foi bem sucedida parece-me ser o facto de não ser uma língua aglutinante, pois assim obriga a decorar muitos mais radicais, o que se torna custoso sobretudo para os grupos linguísticos que não pertencem ao ramo indo-ariano.

A «lnterlíngua-base» merece-nos mais atenção, pois ainda actualmente é usada:

Em 1924 foi fundada a «Internacional Auxiliary Language Association» (I.A.L.A.) com o fim de escolher uma língua auxiliar para as relações internacionais. Depois de analisar os projectos existentes, os linguistas da I.A.L.A. consideraram o Esperanto como o melhor deles para uma L.I. Mas, não totalmente satisfeitos com o Esperanto, resolveram criar outra L.I. Para esse efeito realizaram alguns congressos em que participaram representantes de vários projectos de L.I: e de várias universidades. Por fim, em 1946, a I.A.L.A. terminou a elaboração de uma proposta de L.I. que enviou aos linguistas mais famosos de todo o mundo para eles darem a sua opinião.

Foi desta proposta, revista à luz das opiniões dos linguistas, que surgiu a «Interlíngua-base», O vocabulário foi escolhido entre o inglês e as línguas românicas: francês, italiano, espanhol e português. É uma língua fácil, sem dúvida, mas não internacional. Na verdade, ao contrário da Interlíngua de 1911, não tem a contribuição das línguas alemã e russa, o que a torna menos internacional. Enfim, serviria para os ingleses e para o grupo românico, mas não para os outros ramos linguísticos. Vejamos um exemplo: «Le pace require constante cooperation entre le nationes e le determination de viver ensemble como bon vicinos in un mundo de bon vicinos»[20]. Além disso, devemos notar que «vinti-cinque periodicos medical utilisan correntemente iste língua pro le summarios de lor articulos»[21].

C. Conclusão

Daquilo que vimos até aqui, temos de concluir inevitavelmente que o Esperanto é a melhor solução que se nos apresenta para resolver o problema da necessidade de uma L.I. Podemos resumir em três as razões que nos levam a tal conclusão. Em primeiro lugar, o Esperanto é a melhor solução devido às suas características de facilidade e internacionalidade, que já verificamos atrás.

Em segundo lugar, devido às características dos outros sistemas propostos. Na verdade, os sistemas filosóficos e pasigráficos são de uma transcendência acessível somente a mentalidades desenvolvidas e memórias fortes; os baseados no latim poderiam servir — apesar das dificuldades e deficiências — ao grupo românico do ramo indo-ariano, mas nunca ao eslavo e

---

[17] Cf. Artigo «Ido», in G.E.P.B., vol. XXXIX (apêndice), pág. 816

[18] Cf. Artigo «Esperantida», in G.E.P.B., vol. XXXIX (apêndice), pág. 536

[19] Cf. Artigo «lnterlíngua», in G.E.P.B., vol. XXXIX (apêndice), pág. 843

[20] Cf. Artigo «Interlíngua-base», in G.E.P.B., vol. XXXIX (apêndice), págs. 843-844

[21] «Necessidade de uma língua neutra para as relações internacionais – "ONU", a nova Babel», ob. cit. na nota 1, pág. 8

muito menos aos que formam os outros vários ramos da linguística; os baseados nas línguas nacionais, mormente no inglês, poderiam oferecer características gramaticais aceitáveis, mas soçobram na parte mais complexa — o vocabulário; uma língua nacional não serve porque a nação que vencesse, assumiria uma superioridade política, económica e ética, incompatível com a dignidade e liberdade dos países que a adoptassem como auxiliar.

Finalmente, devido à sua expansão, absolutamente confirmada. Na verdade, observa-se na prática, pela influência exercida em todas as camadas sociais, que o Esperanto já demonstrou possuir as condições necessárias e suficientes para servir, como língua auxiliar, as relações internacionais.

7. O Esperanto na Igreja Católica

A Igreja desde o princípio olhou com bons olhos o movimento esperantista, o que muito é de louvar. É que também ela reconhece a necessidade de uma L.I.

Fazendo um pouco de história, convém recordar que o I Congresso Esperantista Católico realizou-se já em 1905, integrado no I Congresso Universal de Esperanto. Em 1906, Pio X permitiu o primeiro ofício divino em Esperanto. A Bíblia foi traduzida dos textos originais por Zamenhof, como já vimos, e a missa bem como as principais orações católicas foram também traduzidas muito cedo. Além disso, Nossa Senhora da Esperança foi declarada padroeira dos Esperantistas.

Passando à actualidade temos a referir 3 organizações esperantistas católicas: a «União Esperantista Católica Internacional» (I.K.U.E.) com 1.200 membros, o «Movimento Esperantista Católico» e o «Centro Católico Esperantista». Todos os domingos se celebra uma missa em Esperanto na Igreja de Santa Prassede em Roma[22], mas já se têm feito toda a espécie de práticas religiosas em Esperanto mesmo casamentos e baptizados[23]. Não podemos deixar de referir também que se publicam revistas e jornais católicos em Esperanto em vários países, onde o movimento esperantista católico está implantado. Infelizmente isso não acontece no nosso país. Além disso, a Rádio Vaticano tem emissões em Esperanto todos os domingos e quintas-feiras.

Para terminar, não podemos deixar de salientar um facto que é muito significativo. Em 1977, o então cardeal Woityla tinha-se comprometido a comparecer no 37.º Congresso da I.K.U.E. onde celebraria missa e faria a homilia em Esperanto, mas teve de desistir por ter necessidade de tomar parte nas cerimónias fúnebres por um arcebispo. Por isso, enviou uma mensagem ao Congresso, lamentando não poder comparecer e pedindo desculpa. Dessa mensagem vale a pena mencionar algumas palavras: «Um credo e um amor vos ajudem a unir o mundo corrompido, num só rebanho com um só Pastor. Uma língua internacional — Esperanto — sirva também eficazmente este nobre objectivo»[24]. O Cardeal Wojtyla, actual Papa João Paulo II, escreveu várias cartas em Esperanto ou sobre Esperanto e tem seguido com simpatia o movimento esperantista católico[25].

[22] Informações fornecidas pela P.E.A. através de carta datada de 15-3-79
[23] Cf. R.P.E,. ano VI, n.° 26, Agosto 1978, pág. 83
[24] R.P.E., ano VII, n.° 28, Março 1979, pág 10
[25] Idem, pág. 10